



Uso de elefantes: mobilidade e problemas logísticos na arte da guerra helenístico-romana

Autor(es): Dobroruka, Vicente; Sant'Anna, Henrique Modanez de

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/41526>

DOI: DOI:https://doi.org/10.14195/2183-8925_30_1

Accessed : 2-Aug-2021 19:03:56

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



REVISTA DE
HISTÓRIA
DAS IDEIAS



A GUERRA

VOLUME 30, 2009

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

USO DE ELEFANTES, MOBILIDADE E PROBLEMAS LOGÍSTICOS NA ARTE DA GUERRA HELENÍSTICO-ROMANA⁽¹⁾

"Judeu errante, obrigado a andar sem parar, o tanque não poderia ser uma arma temível". Assim referia-se o general francês Chauvineau - talvez à guisa de justificativa para a série de erros do Estado-maior aliado que conduziram ao rapidíssimo colapso da França em meados de 1940*¹ (2).

* Professor de História Antiga, Universidade de Brasília. Doutor em Teologia, Oxford.

** Bolsista de Doutorado do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Doutorando em História, Universidade de Brasília.

⁽¹⁾ Este artigo é desdobrado da pesquisa de doutorado que vem sendo realizada por Henrique Modanez de Sant'Anna, assim como do *séjour d'études scientifiques* na Fondation Hardt, localizada em Vandoeuvres, Suíça. A escrita deste texto em co-autoria surgiu a partir de longas e agradáveis conversas sobre o material, quando a orientação de Vicente Dobroruka mostrou-se decisiva, especialmente no direcionamento da investigação. Gostaríamos de registrar o nosso agradecimento à Fondation Hardt, pelo acesso à rica biblioteca e pelo conforto da acomodação oferecida. Agradecemos também ao Dr. Angelos Chaniotis, que muito tem colaborado na orientação da tese de Henrique.

⁽²⁾ Cit. por Raymond Cartier, *A Segunda Guerra Mundial*, Rio de Janeiro, Primor, 1977, 2 vols., vol. 1, p. 47.

Dez anos antes, Sir William Tarn, numa série de conferências dedicadas ao desenvolvimento militar helenístico, afirmava com mais convicção que comparar o uso de tanques no mundo moderno com os elefantes na Antigüidade era um equívoco - *quite misleading*⁽³⁾. É intenção dos autores deste artigo não comparar a *eficácia* dos elefantes *versus* tanques - isto sim seria anacronismo imperdoável - mas entender como os elefantes tiveram um momento de sucesso fulgurante na guerra antiga (notadamente entre o encontro dos elefantes do rei indiano Porus com as tropas de Alexandre, o Grande, no rio Hidaspe em 326 a.C⁽⁴⁾, e seu último uso "à sério" em termos táticos, na batalha de Pidna em 168 a.C. por parte dos romanos.

Tratemos, então, antes de abordar questões mais específicas, a exemplo da mobilidade e dos problemas logísticos advindos do emprego dos paquidermes, do primeiro caso de embate sério entre macedônios e ελέφαντες, por ser este o ponto de partida para uma série de adaptações que se seguiram ao impacto que o seu uso provocou em todas as linhas helenísticas de desenvolvimento militar⁽⁵⁾.

Na batalha do Hidaspe (326 a.C.)⁽⁶⁾, Porus dispôs seus elefantes (cerca de 200) à frente da infantaria, na primeira linha de combate, segundo

⁽³⁾ William W. Tarn, *Hellenistic Military and Naval Developments*, Cambridge, Cambridge University Press, 1930, p. 96. O livro consiste de um resumo das conferências proferidas entre 1929-1930 no Trinity College, Cambridge, sob o título de "Lees-Knowles Lectures in Military History". Tarn considera o artigo de Harold G. Eady, "The tank", *United Services Journal*, 1926, p. 81, como o primeiro a tratar da analogia entre o tanque e o elefante de uso militar; não pudemos confirmar ou refutar tal afirmação. Para uma discussão atualizada das tendências recentes no campo da história militar, cf. o artigo de Jean-Christophe Couvenhes e Sandra Pére-Noguès, "Quoi de neuf sur la guerre?", *Pallas*, vol. 67, 2005; sobre o uso militar do elefante em geral, cf. John M. Kistler, *The War Elephant*, Oxford, Greenwood Publishing Group, 2006, e Konstantin Nossov e Peter Dennis, *War Elephants*, Oxford, Osprey, 2008.

⁽⁴⁾ Políbio, *Historia* 28.29. Atualmente, na região do Punjab, Índia.

⁽⁵⁾ Os elefantes já haviam sido utilizados pelos persas em Gaugamela (Arriano, *Anabasis*, 3.11.7, οἱ δὲ ἐλέφαντες εἰσησας κατά την ἰλην [...]), mas não desempenharam papel relevante na batalha. Como Arriano será usado neste artigo por diversas vezes, será empregada a seguinte nomenclatura daqui por diante: Arr.Anab.

⁽⁶⁾ Retomaremos o exemplo sempre que julgarmos necessário.

Arriano⁽⁷⁾, com intervalos de aproximados 30 metros (διέχοντα ελέφαντα ἐλέφαντος οὐ μεΤον πλέθρου), impedindo que a cavalaria de Alexandre, aterrorizada, pudesse se aproximar⁽⁸⁾. A infantaria indiana (30.000) seguia para as alas, com tropas montadas encerrando a formação (2.000), em ambos os flancos. Por último, carros de guerra (300) estavam posicionados à frente da cavalaria, sendo esta a organização geral das tropas de Porus para a batalha⁽⁹⁾. Em contrapartida, Alexandre concentrou a cavalaria (5.500) na ala direita, onde normalmente os Companheiros combatiam, intencionado em forçar uma alteração na formação da cavalaria indiana, assim como atacá-la por completo em sua ala esquerda⁽¹⁰⁾. As duas hiparquias sob o comando de Coenus foram enviadas à direita inimiga, com a função de atacar o flanco ou a retaguarda da cavalaria indiana, no momento em que esta realizasse a inversão pela qual Alexandre esperava* ⁽¹¹⁾. Aos soldados da infantaria (15.000)⁽¹²⁾, Alexandre ordenou que avançassem somente quando os cavaleiros indianos fossem postos em confusão contra seu próprio

⁽⁷⁾ Arr.Anab. 5.15.7.

⁽⁸⁾ Arr.Anab. 5.15.5-6, [...] ὡς προ πάσης τε τῆς φάλαγγος των πεζῶν παραταθῆναι αὐτῷ τοὺς ἐλέφαντας ἐπι μετώπου και φόβον πάντη παρῆχειν τοῖς ἀμφ' Ἀλέξανδρον ἵππεύουσιν.

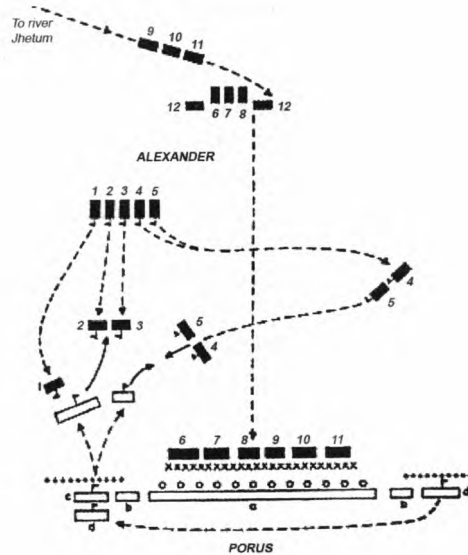
⁽⁹⁾ Arr.Anab. 5.15.7

αο) Arr.Anab. 5.16.2-3, [...] ἀλλά αὐτός μὲν ἄτε ἵπποκρατῶν την πολλήν τῆς ἵππου ἀναλαβῶν ἐπι το εὐώνυμον κέρως τῶν πολεμίων παρήλαυνεν, ὡς ταύτη ἐπιθησόμενος.

⁽¹¹⁾ Arr. 5.16.3, Κοτνον δέ πέμπει ὡς ἐπι το δεξιόν [...]. Afinal, "para a direita de Alexandre ou contra a direita inimiga"? A questão colocada por Brunt, tradutor de Arriano na edição LOEB, destaca uma grande confusão na interpretação acerca do posicionamento das tropas em Hidaspe. As palavras iniciais (Κοινοῦ δέ πέμπει ἑς ἐπι τό δεξιόν) têm sido interpretadas, na melhor discussão sobre o assunto, um artigo de J. R. Hamilton, de três formas distintas: (1) para a direita de Alexandre; (2) em direção à direita indiana *as a feint*; e (3) contra a direita indiana, em forma de ataque. Aqui adotamos a segunda interpretação devido à maneira como a batalha se desenrolou, isto é, o caminho mais provável para uma compressão da cavalaria indiana por Alexandre e Coenus era a perseguição das tropas indianas durante uma inversão, da ala direita para a esquerda. Para uma discussão completa a respeito da formação indiana, consultar J. R. Hamilton, "The Cavalry Battle at the Hydaspes", *The Journal of Hellenic Studies*, vol. 76, 1956, pp. 27-28.

⁽¹²⁾ R. D. Milns, *Alexander the Great*, London, Robert Hale, 1968, p. 211.

exército⁽¹³⁾. Quanto aos cavaleiros arqueiros, estes foram úteis para o ataque de longa distância, causando baixas na ala esquerda inimiga, um pouco mais ao centro do local que Alexandre pretendia atacar.



A batalha do Hidaspes, in Milns, R. D., *Alexander the Great*, p. 212

Assim que a cavalaria indiana investiu contra os Companheiros e o regimento de Dahae (utilizado pela primeira vez no exército de Alexandre), Coenus realizou o que lhe fora ordenado e atacou as tropas montadas de Porus pelo flanco, destruindo sua formação numa manobra compressora⁽¹⁴⁾, provavelmente após ter acompanhado a inversão das tropas de Porus. Parte dos cavaleiros indianos, então, partiu desordenada em direção aos elefantes, exatamente no momento em que a infantaria macedônica iniciou o seu avanço. Segundo Arriano, a "falange macedônica" (φάλαγξ των Μακεδόνων) arremessou diversos dardos contra os condutores dos elefantes e, "formando um anel em torno dos animais, descarregou dardos por todos os lados"⁽¹⁵⁾.

(13) Arr.Anab. 5.16.4.

(14) Arr.Anab. 5.17.1.

(15) Arr.Anab. 5.17.3, ες τε τούς ἐπιβάτας αὐτῶν ἀκοντίζοντες καὶ αὐτὰ τὰ θηρία περισταδὸν πάντοθεν βάλλοντες. Ora, a falange não possuía mobilidade suficiente

A partir deste ponto, os paquidermes avançaram em direção à infantaria e começaram a devastar (ἐκεπαίγε) toda a falange. Os cavaleiros macedônios, enquanto isso ocorria, formaram um só esquadrão (ἰἄρι) e empurraram de volta o restante da cavalaria indiana contra os elefantes, o que ocasionou uma verdadeira carnificina, seja pela morte dos condutores ou pela simples confusão da situação. Boa parte dos indianos recuou por entre os elefantes, enquanto recebiam os duros golpes de sua própria máquina de guerra⁽¹⁶⁾. Alexandre, então, ordenou o avanço da falange, a qual deveria adotar a formação mais compacta possível. Os indianos já não contavam com sua cavalaria, e a infantaria era incapaz de deter o ataque das tropas montadas de Alexandre, que os cercaram por todos os lados.

Como observou Milns, a vitória sobre os indianos no Hidaspe "foi a última grande batalha que Alexandre travou e, diriam alguns historiadores, a sua melhor"⁽¹⁷⁾. De fato, Alexandre reverteu o impacto - ou parte dele - causado pela melhor arma do exército indiano: o elefante. Contudo, existe outra questão, que não tem relação direta com o gênio militar do rei macedônio, mas sim com a emergência desta nova "máquina de guerra" como integrante (e por vezes símbolo) dos exércitos helenísticos.

De um lado, a batalha do Hidaspe ilustra como o ineditismo no combate aos elefantes (por parte dos ocidentais) provocou um terrível efeito psicológico nos macedônios, especialmente nos anos que se seguiram à batalha⁽¹⁸⁾. De outro, mostra que a emergência do elefante na guerra helenística foi acompanhada de um paradoxo, advindo do uso

para executar tal "anel", muito menos os falangistas carregavam dardos. Trata-se, evidentemente, de um equívoco de Arriano. Quinto Cúrcio (14.24) refere-se aos agrarianianos e trácios, o que soa mais provável, ainda que a reconstrução da formação macedônica a partir desta informação não seja possível, a menos que se admita apenas que ambas as tropas levemente armadas estavam dispostas, desde o início do embate, à frente da falange.

⁽¹⁶⁾ Arr. Anab. 5.17.6.

⁽¹⁷⁾ R. D. Milns, *Alexander the Great*, London, Robert Hale, 1968, p. 215.

⁽¹⁸⁾ Este ponto é também sustentado por Milns (p. 215): "They [os macedônios] had indeed successfully countered the elephants; but the cost had been high and the hideous deaths of their trampled and mangled comrades imprinted itself deeply in their minds. They never wanted to face up to elephants again, and not even Alexander could make them".

de uma arma poderosa, mas incapaz de distinguir aliados de inimigos, além de ser bastante complicada do ponto de vista logístico. Noutras palavras, considerar os fracassos e sucessos dos elefantes em campos de batalha helenísticos, romanos ou cartagineses deve partir de uma premissa básica: bem ou mal-sucedidos nos confrontos, os paquidermes constituíam, como dito acima, um "pesadelo administrativo"⁽¹⁹⁾, o que equivale a dizer que a logística necessária ao seu uso não compensava os resultados obtidos⁽²⁰⁾ que, não obstante, chegaram a ser positivos em várias oportunidades. O elefante oferecia dificuldades na sua aquisição (vindos da Etiópia ou da Índia; o mesmo não vale para os norte-africanos, obtidos localmente pelos cartagineses); para seu treinamento (em especial para acostumá-los a enfrentar situações de risco, como formações cerradas, sons destinados a aterrorizá-los ou simplesmente soldados armados levemente destinados a atacá-los, como na batalha de Beneventum em 275 a.C.⁽²¹⁾); e finalmente, num paralelo válido com os tanques modernos, pelo congestionamento que podiam causar ao deslocamento de outras tropas, algo que os civis raramente percebem⁽²²⁾. Por fim, o abastecimento de um elefante e suas debilidades naturais, já percebidas por Aristóteles⁽²³⁾, faziam de seu emprego um luxo aparentemente injustificável. Por outro lado, a afirmação de que os elefantes africanos seriam, por sua própria natureza, inferiores aos indianos, parece partir de uma tolice (entre

⁽¹⁹⁾ Robert F. Glover, "The tactical handling of the elephant", *Greece & Rome*, vol. 17 (49), 1948, p. 10.

⁽²⁰⁾ Apesar de excelentes os resultados obtidos contra cavalos não treinados em sua presença.

⁽²¹⁾ Plutarco, *Vida de Pirro* 25.5 e Plínio, *História Natural* 8.7.

⁽²²⁾ Glover, *ob. cit.*, p. 10. Na Antiguidade como no mundo moderno, a velocidade do deslocamento de uma coluna táctica relaciona-se diretamente com sua extensão; somando-se a isso a lentidão natural dos movimentos dos elefantes, temos aí elementos desalentadores para quem os comandasse juntamente com outras tropas - e não nos ocorrem exemplos de elefantes utilizados *exclusivamente* contra outros tipos de soldados especializados.

⁽²³⁾ *História dos animais* 1.1 (ao discutir a natureza selvagem ou dócil de animais específicos, Aristóteles afirma que o elefante é "facilmente domado" e "de bom temperamento"); 9.46 (seu emprego pelos indianos independentemente do sexo do animal, embora as fêmeas sejam menos ferozes; na mesma passagem, Aristóteles confirma a capacidade dos elefantes enfrentarem-se mutuamente).

por Diodoro, por exemplo) foi unicamente a produção de alimentos, o que insatisfatoriamente resume o problema a uma única sentença: os africanos eram menores porque viviam numa região onde a comida era escassa, isto é, o deserto. A questão de Tarn, filologicamente bem estruturada, é que tais autores nada sabiam sobre os elefantes, mas o seu herói, Alexandre, havia empregado o elefante indiano⁽²⁸⁾. Não existe nada, definitivamente, além da tradição literária originada da observação pouco criteriosa de Ctésias, que possa sustentar a superioridade dos elefantes indianos diante dos africanos em campo de batalha.

A superioridade numérica dos elefantes indianos frente aos africanos deve ter sido a causa provável do desfecho da batalha, como o foi entre elefantes indianos na batalha de Ipso (301 a.C.)⁽²⁹⁾, ainda que as manobras de Seleuco tenham sido fundamentais para o resultado. A batalha de Ipso representou uma tentativa de transformação das funções da cavalaria, algo inédito na guerra helenística. Certamente por influência da guerra encaminhada na porção mais oriental do império, Seleuco tentou fazer com que os elefantes desferissem o ataque principal, enquanto a cavalaria comandada por seu filho Antíoco forçava uma retirada de Demétrio. Mas quais seriam, no confronto que pôs fim à hegemonia de Antígono, as vantagens conferidas a Seleuco pelo uso dos elefantes?

A primeira delas estava fixada pelo número dos elefantes (400 no total, contra apenas 75 de Antígono⁽³⁰⁾). Seleuco, sabendo disso, os fez avançar frontalmente contra o corpo principal do exército antigônida, provavelmente ordenando que seu filho, Antíoco, batesse em retirada e levasse consigo a maior e melhor parte da cavalaria inimiga, sob o comando de Demétrio. Ainda que Plutarco não mencione tal manobra por parte de Antíoco, afirmando, pelo contrário, que as tropas montadas antigônidas o haviam derrotado⁽³¹⁾, não parece provável que a cavalaria de Seleuco fugiria do campo de batalha tão rapidamente ou que Demétrio a perseguiria até a batalha ser encerrada (a menos que a fuga de Antíoco

(28) William W. Tarn, "Polybius and a literary commonplace", *Classical Quarterly*, vol. 20, 1926, p. 100.

(29) Cf. as observações de William Gowers, "The African elephant in warfare", *African Affairs*, vol. 46 (182), 1947, pp. 42-43 sobre o tema.
m Plutarco, *Vida de Demétrio* 29.3.

(31) Plutarco, *Vida de Demétrio* 29.3.

fosse parte de um plano). Tarn⁽³²⁾ argumentou sobre esta possibilidade na década de 30, salientando que, iniciada a perseguição da cavalaria de Seleuco, se Demétrio desistisse cedo demais, a cavalaria inimiga poderia simplesmente retornar e atacar seu flanco ou retaguarda; mas, por outro lado, se a perseguição se desenrolasse por muito tempo, a batalha central se tornaria, definitivamente, um palco imaginário. Aceita esta hipótese, conclui-se que Seleuco pôde desferir seu ataque principal com os elefantes ao centro, enquanto Demétrio ficou impossibilitado de dar qualquer suporte a Antígono, uma vez que o avanço dos elefantes havia inviabilizado o caminho para as operações de auxílio.

O uso que Seleuco fez desses animais em Ipsos mostra que eles poderiam ser muito eficientes, desde que usados em condições ideais e contra o tipo específico de formação (quanto mais compacta melhor). Porém, "judeu errante", o elefante acabou por revelar-se, com o passar do tempo, ao contrário do tanque, uma arma dispensável, quando não perigosa, para o lado que os empregasse. Ainda que os elefantes de Seleuco tenham, ao que parece, prosseguido na direção correta, exemplos de elefantes voltando-se contra as próprias fileiras são numerosos: 25 anos antes da batalha de Ipsos, Porus, possivelmente por ser indiano e conhecer bem as limitações dos animais, evitou manter seus soldados muito próximos dos elefantes. Vejamos, à guisa de exemplo, o que tem a dizer sobre um de inúmeros casos Arriano:

"Quando ele [*Porus*] encontrou um lugar que não considerava lamacento - era arenoso e portanto nivelado para a cavalaria atacar e retirar-se - ele levou seu exército para lá, colocando os elefantes na linha de frente, não menos de 100 pés uns dos outros [...]"⁽³³⁾.

Os autores que relatam a volta dos elefantes contra suas próprias fileiras, como barcos sem rumo (expressão polibiana) são inúmeros;

⁽³²⁾ William W. Tarn, *Hellenistic Military and Naval Developments*, Cambridge, Cambridge University Press, 1930, p. 69.

⁽³³⁾ Com 200 elefantes, isso daria uma linha de frente de mais de 6 km, algo improvável - devo a observação ao tradutor da edição da Loeb Classical Library, P. A. Brunt. Anab. 5.15, $\text{cb}\zeta \text{òè é}\nu\acute{\epsilon}\iota\upsilon\upsilon\epsilon \text{x}^{\wedge}\text{Q}^{\wedge}\text{P}\text{»} \text{LVO}\tau \text{òù} \quad \text{à}\upsilon\text{x}\text{d} \text{è}\text{c}\text{j}\text{c}\grave{\alpha}\text{v}\acute{\epsilon}\text{x}\text{o}$, $\grave{\alpha}\text{X}\text{k}\grave{\alpha} \text{Ú}\text{J}\text{T}\text{Ò} \text{r}\acute{\rho}\acute{\alpha}\text{g}\text{i}\text{u}\text{o}\text{u} \text{y}\grave{\alpha}\text{Q} \text{Ç}\text{u}\text{j}\text{L}\text{u}\text{r}\text{a}\text{v} \text{f}\text{I}\text{v} \text{a}\text{j}\text{t}\text{s}\text{ò}\text{v}\text{o}\text{n} \text{x}\text{a}\text{i} \text{O}\text{X}\text{B}\text{Q}\text{B}\text{Ò}\text{V} \text{é}\zeta \text{x}\grave{\alpha}\zeta \text{è}\text{c}\text{l} \text{ó}\text{ò}\text{d}\text{o}\text{u}\zeta \text{TE} \text{x}\text{a}\text{i} \text{a}\text{v}\text{a}\text{a}\text{x}\text{Q}\text{O} \text{(j)}\grave{\alpha}\zeta \text{x}\acute{\epsilon}\text{v} \text{L}\text{T}\text{U}\text{T}\text{O}\text{O}\text{V}$, $\acute{\epsilon}\nu\text{x}\alpha\iota\upsilon\text{O}\alpha \acute{\epsilon}\text{x}\alpha\text{a}\text{o}\epsilon \text{x}\text{r}\text{j}\text{v} \text{a}\text{x}\text{Q}\text{a}\text{x}\text{i}\acute{\alpha}\nu$, $\text{J}\text{T}\text{Q}\text{C}\text{Ó}\text{X}\text{O}\text{U}\zeta \text{j}\text{a}\acute{\epsilon}\nu \text{x}\text{o}\acute{\upsilon}\zeta \acute{\epsilon}\text{X}\acute{\epsilon}\text{c}\text{l} \text{a}\text{v}\text{x}\grave{\alpha}\zeta \acute{\epsilon}\text{m} \text{j}\text{u}\acute{\epsilon}\text{x}\text{a}\text{m}\text{o}\text{u}$, $\acute{\omicron}\acute{\iota}\acute{\epsilon}\text{y}\text{o}\text{v}\text{x}\alpha \acute{\epsilon}\text{X}\acute{\epsilon}\text{c}\text{j} \text{a}\text{v}\text{x}\alpha \acute{\epsilon}\text{X}\acute{\epsilon}\text{c}\text{j}\text{x}\text{r}\text{v}\text{x}\text{o}\zeta \text{o}\acute{\upsilon} \text{I}\text{L}\acute{\iota}\acute{\epsilon}\text{i}\text{o}\text{v} \text{J}\text{T}\text{X}\text{S}\text{Ó}\text{Q}\text{O}\text{U} \text{[...]}.$

mas também são freqüentes as referencias ao seu uso adequado. Para evitar o "fogo amigo" (i.e. o pisoteamento das próprias tropas por elefantes apavorados), Antíoco III em Magnésia tampouco sucumbiu ao mesmo erro, como se evidencia por diversas passagens - tomemos o relato de Apiano para esse caso:

"O flanco de cada seção do exército [de Antíoco, após Apiano listar a ordem de batalha dos romanos] era [composto] por 22 elefantes"⁽³⁴⁾.

Portanto, a dispersão das tropas atacantes era o modo mais fácil de evitar o prejuízo causado pelos elefantes em fuga; do ponto de vista dos defensores, a vida era mais fácil.

Tarn argumenta que o encontro dos soldados de Alexandre com os elefantes de Porus marcou um ponto fulcral na carreira até então desabalada do macedônio pelos confins da Ásia; seus soldados nunca mais voltaram a ser os mesmos⁽³⁵⁾. Quem quer que tenha sofrido os efeitos de uma arma desconhecida sabe dos efeitos de seu ataque - mas reflexões posteriores mostram que o efeito é muitas vezes mais imaginário do que real. Os soldados que foram vitimados pelo gás na Primeira Guerra Mundial ou que correram para as trincheiras fugindo dos bombardeiros de mergulho alemães na Segunda sabem bem disso; nunca mais foram os mesmos, mas aprenderam a defender-se ou pelo menos a acostumar-se ao risco da arma adversária, na ausência de contramedidas eficazes.

Do mesmo modo, o uso bem-sucedido de elefantes em batalha dependia em larga medida do terreno: Aníbal perdeu tempo considerável em sua travessia dos Alpes limpando o caminho obstruído por uma avalanche, de modo a permitir a passagem dos paquidermes:

"Conforme os animais [elefantes] caíam, a fina camada de neve era rompida quando estes tentavam se reerguer. Ali permaneciam

⁽³⁴⁾ Apiano, *Guerras da Síria* 32, [...] ἐς 8ὲ τὸ ἱεῦπερ ἐκοῦτο πέπουç ἐξέπαυτες ὕο χα! εἰκουαῖν. Outros autores relativos ao caso são Tito Livio, *História romana*, 37.40; Diodoro da Sicília, *Biblioteca histórica* 19.27; Plutarco, *Vida de Pirro* 21; Políbio, *História* 5.53; 15.11; 16.18; e novamente Apiano, *Guerras púnicas* 40.

⁽³⁵⁾ Tarn, *ob. cit.*, p. 94. Cf. também Arriano, *Anabasis de Alexandre* 5.25 e Plutarco, *Vida de Alexandre* 62.2.

imóveis, com sua carga, presas do gelo, tanto por seu peso quanto pelo congelamento devido à neve anterior"⁽³⁶⁾.

O encontro dos elefantes de Poms com os soldados extenuados de Alexandre (ao contrário de seu líder, cansados de marchas e batalhas, além de insatisfeitos com a inserção de persas como oficiais e burocratas do império) nos leva a três considerações fundamentais que justificariam o uso dos elefantes em batalha na Antigüidade. Em primeiro lugar, como descrito acima, seu impacto psicológico⁽³⁷⁾: para muitos, a visão do paquiderme de ve ter sido o suficiente para alimentar o desejo de fuga ou abandono da posição. Compreendendo melhor que tal efeito só poderia ser contrabalançado pelo treinamento de soldados - e especialmente de cavalos - ao contato com elefantes, os romanos empreenderam mais do que *briefings* sobre o que os legionários poderiam encontrar: desenvolveram técnicas para enfrentar elefantes, como narra Tito Livio acerca da campanha romana contra Antíoco⁽³⁸⁾:

"Havia 16 mil soldados de infantaria em arranjo macedônico, conhecido como 'falange'. Estes formaram o centro, numa frente de dez divisões; entre cada divisão havia dois elefantes. Sua profundidade era de 32 fileiras. Essa era a força principal do exército real e tinha uma aparência formidável, especialmente com os elefantes dominando os homens. O efeito era aumentado pelas armaduras nas frentes dos animais e pelas torretas em suas costas, cada uma ocupada por quatro soldados [...] Então vinham 4 mil pisídios, panfílios e lídios, depois desses cirteus e elimeus no mesmo número da ala direita, e por fim 16 elefantes a pouca distância".

⁽³⁶⁾ Políbio, *História* 3.55.5, τὰ δ' υποζύγια διέκοπτεν, ὅτε πέσοι, τὴν κάτω χιόνα κατὰ τὴν διανάστασιν, διακόψαντα δ' ἔμενε μετὰ τῶν φορτίων οἶον καταπεπηγότα διὰ τε τὸ βάρος καὶ διὰ τὸ πῆγμα τῆς προϋπαρχούσης χιόνος.

⁽³⁷⁾ Se é verdade o que nos diz Diodoro sobre as razões pelas quais os macedônios não atacaram os povos indianos ao sul. Diodoro da Sicília, *Biblioteca Histórica*, 18.5.6, [...] οὐκ ἔστι μέγιστον τὸ τῶν Γανδαριδῶν ἔθνος, εφ' οὗς διὰ τὸ πλῆθος τῶν παρ' αὐτοῖς ἐλεφάντων οὐκ ἐπεστράτευσεν ὁ Ἀλέξανδρος.

⁽³⁸⁾ *História romana* 37.40, "[...] a fronte introrsus in duos et triginta ordines armorum acies patebat, hoc et roboris in regiis copiis erat, et perinde cum alia speciem eminentibus tantum inter armatos elephantis magnum terrorem praebebat [...] Pisidae erant et Pamphylii et Lycii; tum Cyrtiorum et Elymaeorum paria in dextro cornu locatis auxilia, et sedecim elephantum modico intervallo distantes".

Isso ocorreu em 190 a.C.; ora, sabemos que os romanos somente utilizaram de modo sistemático elefantes em campo de batalha após 200 a.C.. Essa vantagem no treinamento ocasionou a familiaridade dos legionários com os elefantes, mas também deve ter contribuído para seu extermínio sistemático quando capturados⁽³⁹⁾.

É um lugar-comum repetir, desde as conferências de Tarn ao final dos anos 20 do séc. XX, que os usos dos elefantes em batalha eram três:

1. Servir de escudo para a cavalaria; 2. Atacar posições de infantaria em campo aberto e eventualmente em posições fortificadas; 3. Atacar as posições fortificadas propriamente ditas.

É precisamente na análise dessas três considerações sobre o uso dos paquidermes que o paralelo com o tanque revela-se mais frutífero - afinal, Tarn escreveu bem antes da *Blitzkrieg*. Como descrito no item 1, elefantes que tivessem sido treinados para a guerra e acompanhados de uma força de infantaria devidamente espaçada obtiveram mais do que vitórias esporádicas. O uso mais feliz dos elefantes de guerra na Antiguidade⁽⁴⁰⁾ deu-se, em nossa opinião, precisamente pelo comando de Xantipo na batalha de Túnis em 255 a.C.⁽⁴¹⁾, ou em Cápua por Aníbal em 211 a.C., protegendo a cavalaria; em contrapartida, para o ataque a posições

⁽³⁹⁾ A razão da indignação de Cícero com o massacre de elefantes em espetáculos (no que parece ter sido acompanhado pelo público, embora habituado a semelhantes carnificinas de animais) pode ter tido essa função - embora pela data de seu protesto os elefantes já estivessem fora de uso, como parte "séria" do arsenal romano, há algum tempo. Cf. Cícero, *Ad familiares* 7.1.

⁽⁴⁰⁾ Excluindo-se o caso de Seleuco em Ipsos, que fora previamente apresentado.

⁽⁴¹⁾ Tal batalha revelou, ainda, que a habitual prática cartaginesa em dispor a cavalaria e os carros de guerra (quando usados) à frente da infantaria foi definitivamente abandonada (tanto em Amílcar como em Aníbal). Se observarmos a batalha de Cremisus (340 a.C.), quando Timoleão teve dificuldades em atacar a infantaria cartaginesa frontalmente devido aos carros de guerra posicionados na linha de frente (Plutarco, *Timoleão*, 27.3), ou uma batalha também na Sicília, em 310 a.C., quando Agátocles derrotou a cavalaria e os carros de guerra cartagineses, ambos dispostos à frente da infantaria comandada por Hanno e Bormílcar (Diodoro, 20.10.5), será possível mensurar a transformação do exército helenístico a partir do que foi elaborado por Xantipo. Giovanni Brizzi (*II Guerriero, Toplita, II legionario*, Bolonha, Il Mulino, 2008) é ainda o melhor autor para o assunto, embora suprima a relevância da Sicília durante a introdução da guerra helenística em Cartago.

fortificadas, seu uso revelou-se um desastre (caso de Asdrúbal em Palermo em 250 a.C, quando as contramedidas dos defensores levaram a perdas desproporcionais). Um caso bastante evidente é também a fracassada campanha de Perdicas no Egito, contra Ptolomeu. Além de já estabelecido, com um sistema de defesa integrado, o qual contava com diversas fortificações dispostas em locais de acesso às principais cidades, Ptolomeu mostrou aos seus soldados como derrotar os elefantes indianos do inimigo, que eram empregados na destruição das paliçadas ptolomaicas: posicionando-se no topo da fortificação, arremessou sua lança contra o condutor indiano, inutilizando o animal desorientado (εξετύφλωσεν). Daí por diante, seus amigos o mesmo fizeram, tornando toda a linha obsoleta pela queda dos condutores⁽⁴²⁾.

Como o tanque, o elefante podia ser detido por fossos e outros obstáculos; acrescenta-se a isso o fato de que o segredo da mobilidade do tanque deve-se ao dispositivo da lagarta, que permite a transposição de praticamente todo terreno. Ora, o elefante era notavelmente frágil, mesmo para a sua manutenção antes das batalhas e em tempos de paz (lembramos que após um ano de operações no teatro italiano, Aníbal contava com apenas um elefante vivo: os demais haviam sucumbido tanto às condições do meio quanto às batalhas).

Exemplos de como contramedidas simples podiam deter os elefantes de guerra encontram-se em Plutarco, na *Vida de Pirro* 27.3:

"[Os espartanos decidiram] cavar uma trincheira paralela à do inimigo e em cada extremidade enterraram suas carroças, afundando-as até os eixos no solo, para que, assim firmadas, pudessem impedir o avanço dos elefantes [em grego, 'das bestas']"⁽⁴³⁾.

Uma variante mais sofisticada do recurso encontra-se no relato de Diodoro sobre a batalha de Gaza em 312 a.C., entre Ptolomeu e Seleuco, com o uso de lanças fixas ligadas por correntes⁽⁴⁴⁾.

⁽⁴²⁾ Diodoro, *Biblioteca histórica*, 18.34.3-4.

⁽⁴³⁾ "επειτα τω στρατοπέδω των πολεμίων παράλληλον εγνωσαν έμβαλόντες τάφρον ενθεν και ενθεν αυτης στήσαι τάς άμάξας, μέχρι του μέσου των τροχών καταχώσαντες, όπως έδραν εχουσαι δυσεκβίαστον έμποδών ώσι τοίς θηρίοις".

⁽⁴⁴⁾ Diodoro, *Biblioteca histórica* 19.83-84.

Quanto ao terceiro uso, que confunde-se com o primeiro, levaremos em conta a efetividade do armamento carregado por cada elefante, numa discussão mais abaixo. Em suma, para os defensores em campo aberto, o segredo consistia precisamente em servir-se do mesmo recurso dos atacantes para evitarem o pisoteamento por "fogo amigo": dispersar as tropas e não permitir que fossem alvo fácil para os elefantes. Somando a isso, o comum flanqueamento dos elefantes por tropas leves (como no caso dos trácios e agrianianos no Hidaspe) - por vezes armadas com a espada curta, muito mais eficaz para ferir ou matar o animal - e sua eventual condução a um campo de abate (como se fez tantas vezes com tanques na Segunda Guerra Mundial) revelaram as fraquezas fundamentais de uma arma cara de se obter (na corrida armamentista que seguiu-se à morte de Alexandre, o esforço de Eumenes para obter elefantes indianos a qualquer preço - para o que encarregou seu aparentemente corrupto oficial Eudemo, como nos relata Diodoro⁽⁴⁵⁾ 46 - revelou-se um esforço inútil).

No entanto, as análises em torno do uso do elefante deixam todas de lado um dado fundamental, até agora intocado: seu poder de fogo. Afinal, tanto na poliorcética quanto nas manobras em campo aberto os exércitos helenísticos, cartagineses ou romanos serviam de artefatos muito mais desengonçados, mas nem por isso menos aterradores ou eficazes. Todas as máquinas de assalto ou de arremesso de projéteis padeciam desse mal, sem que isso lhes prejudicasse a eficiência *dado seu uso em condições ideais*^m.

Nisso reside a grande fraqueza do elefante como arma de guerra no mundo antigo: eram necessários 1. Terreno plano; 2. Abastecimento abundante; 3. Deslocamento livre até o cenário de guerra; 4. Condições

^m*Idem*, 17.88. A interceptação dos elefantes revela um entre vários exemplos de aquisição falha de inteligência militar por meios humanos - *humint*, em jargão militar - na Antigüidade. Cf. Norman J. Austin e Boris Rankov, *Exploratio: Military and Political Intelligence in the Roman World from the Second Punic War to the Battle of Adrianople*, New York, Routledge, 1998.

⁽⁴⁶⁾ Esta aproximação entre as máquinas de cerco e os elefantes parece obedecer a uma tendência geral da guerra helenística, qual seja, a do emprego de armas de grande impacto (por vezes psicológico), mesmo que estas apresentem limitações (de terreno, manutenção ou criação, no caso das máquinas de cerco). O assédio de Rodes por Demétrio serve de exemplo, a julgar pela proporção da torre de assalto.

favoráveis de ataque a uma posição mal-defendida; 5. Um meio natural que não agredisse a saúde dos animais ou lhes oferecesse obstáculos.

Dadas essas condições, raríssimas de serem encontradas simultaneamente, e seu uso concentrado por parte do atacante, podia-se esperar vitórias como a de Xantipo⁽⁴⁷⁾. Em suma, as descrições de Diodoro do massacre levado a efeito pelos elefantes de Porus mostram o uso *concentrado* de animais muito fortes contra um inimigo despreparado:

"A luta iniciou-se, e praticamente todos os carros de Guerra indianos foram postos fora de ação pela cavalaria de Alexandre. Então os elefantes surgiram, treinados para fazerem bom uso de seu peso e altura. Alguns dos macedônios foram pisoteados pelos animais, com armaduras e tudo, e morreram, os ossos esmagados. Outros foram agarrados pelas trombas dos elefantes e, atirados para o alto, tiveram uma morte atroz. Muitos soldados foram perfurados de ponta-a-ponta e tiveram morte instantânea.⁽⁴⁸⁾

O mesmo ocorreria na vitória de Antíoco I contra os invasores gauleses na Ásia Menor, em 275 a.C..

Retomando o tema das condições ideais, raramente encontradas para seu uso, o elefante não apresentava, por oposição ao tanque moderno, a vantagem decisiva: a capacidade de agredir o inimigo à distância. Já não falamos aqui na velocidade do elefante - que na melhor das hipóteses o deixaria em pé de igualdade com os defensores -, mas pura e simplesmente no armamento transportado. E nesse caso, fossem lanças ou arcos (não faria sentido o uso de armas curtas pelos três ocupantes

(47) Aqui a comparação com a doutrina militar anglo-francesa *versus* a alemã relativa ao uso dos tanques parece-nos válida; e para os leitores que imaginam que os ingleses tiveram em Basil Liddell-Hart um precursor do uso dos tanques como "ponta-de-lança", recomendamos a leitura da surpreendente edição nova e revista das memórias de Heinz Guderian, que mostram que Liddell-Hart como pensador à frente de seu tempo é apenas um mito. Cf. Heinz Guderian, *Panzer Leader*, New York, Da Capo, 2001.

(48) Diodoro, *Biblioteca histórica* 17.88, γενομένης δὲ μάχης το μὲν πρῶτον τοῖς ἵππευσιν ἅπαντα σχεδόν τα ἄρματα τῶν Ἰνδῶν διεφθάρη· μετὰ δὲ ταυτα τῶν ἐλεφάντων ταις τε τῶν σωμάτων ὑπεροχαῖς και ταῖς ἀλκαῖς δεόντως χρωμένων οἱ μὲν ὑπὸ τῶν θηρίων συμπατούμενοι μετὰ τῶν ὀπλῶν θραυομένων τῶν οστώων ἀπώλλυντο, οἱ δὲ ταῖς προνομαῖς περιλαμβανόμενοι και προς ὕψος ἔξαρθέντες πάλιν προς την γην ἐράττοντο και δεινοῖς θανάτοις περιέπιπτον [...].

habituais da torre montada em cima do elefante), o elefante em nada contribuía para aumentar seu alcance ou precisão. Para fazer justiça ao animal, é bom que se diga que, de Alexandre a Wellington, o alcance das armas aumentou muito pouco, por comparação com a revolução que as armas de cano raiado trariam ao longo do séc. XIX⁽⁴⁹⁾- mas que todas as dificuldades táticas e logísticas do uso dos elefantes parecem tê-las amplificado.

⁽⁴⁹⁾ John Keegan, *A máscara do comando*, Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 1999, p. 136 ss..